



VINGANÇA

V.E.
SCHWAB

autora do
best-seller *Vilão*



OBRAS DA AUTORA PUBLICADAS PELA EDITORA RECORD

Série Vilões

Vilão

Vingança

Série Os Tons de Magia

Um tom mais escuro de magia

Um encontro de sombras

Série A Guardiã de Histórias

A guardiã de histórias

A guardiã dos vazios

VINGANÇA

V. E.
SCHWAB

Tradução de
Flavia de Lavor

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2020

EDITORA-EXECUTIVA
Renata Pettengill

SUBGERENTE EDITORIAL
Mariana Ferreira

ASSISTENTE EDITORIAL
Pedro de Lima

AUXILIAR EDITORIAL
Juliana Brandt

REVISÃO
Glória Carvalho

CAPA
Layout adaptado do design original de Julia Lloyd

DIAGRAMAÇÃO
Beatriz Carvalho

TÍTULO ORIGINAL
Vengeful

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S425v

Schwab, V. E., 1987-
Vingança [recurso eletrônico] / V. E. Schwab ; tradução
Flavia de Lavor. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2020.
recurso digital

Tradução de : Vengeful

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5587-105-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Lavor, Flavia
de. II. Título.

20-65351

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Copyright © 2018 by Victoria Schwab
Publicado mediante acordo com a autora, c/o BAROR
INTERNATIONAL, INC., Armonk, Nova York, E.U.A.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000,

que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5587-105-0

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site

www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br



*Para minha mãe, Holly e Miriam, as mulheres mais poderosas que
conheço.*

Ao buscar vingança, cave dois túmulos —
um deles para si próprio.

Douglas Horton

SUMÁRIO

GÊNESIS

PARTE UM

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

PARTE DOIS

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

XXII

XXIII

XXIV

XXV

XXVI

PARTE TRÊS

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI
XXII
XXIII
XXIV
XXV
XXVI

PARTE QUATRO

I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
XI
XII
XIII
XIV
XV
XVI
XVII
XVIII

XIX

XX

XXI

XXII

ÊXODO

I

II

III

GÊNESIS

SEIS SEMANAS ANTES

SUBÚRBIO DE MERIT

Na noite em que Marcella morreu, ela preparou o prato favorito do marido para o jantar.

Não porque fosse uma ocasião especial, mas porque *não* era — as pessoas viviam dizendo que o segredo do amor era a espontaneidade. Marcella não sabia se acreditava nisso; porém, estava disposta a tentar preparar uma comida caseira. Nada muito sofisticado — um bom bife selado com crosta de pimenta-do-reino, batata-doce assada em fogo baixo e uma garrafa de merlot.

Mas as seis horas chegaram e passaram, e Marcus ainda não estava em casa.

Marcella colocou a comida no forno para mantê-la aquecida e foi até o espelho do corredor conferir o batom. Despreendeu os longos cabelos pretos do coque bagunçado e os prendeu de novo, soltando algumas mechas antes de alisar o vestido evasê. As pessoas diziam que ela tinha uma beleza natural, mas a natureza tinha seus limites. A verdade era que Marcella passava duas horas na academia, seis vezes por semana, reduzindo, tonificando e alongando cada músculo definido do corpo esbelto de seu um metro e setenta e sete, e ela nunca saía do quarto sem a maquiagem bem-feita. Essa

rotina não era fácil, mas ser casada com Marcus Andover Riggins — mais conhecido como Marc, o Tubarão, o braço direito de Tony Hutch — também não.

Não era fácil, mas valia a pena.

Sua mãe gostava de dizer que a filha tinha ido pescar e, de alguma maneira, apanhou um tubarão-branco. Mas o que a mãe não compreendia era que Marcella tinha jogado a isca já com o prêmio em mente. E que ela pegou *exatamente* o que queria.

O som do salto de seus sapatos altos vermelho-cereja no piso de madeira foi silenciado pelo tapete de seda enquanto ela terminava de pôr a mesa e acendia cada uma das vinte e quatro velas do par de candelabros de ferro que emoldurava a porta.

Marcus os odiava, mas, ao menos desta vez, Marcella não se importava. Ela adorava os candelabros, com os talos compridos e os galhos que se ramificavam — parecia o tipo de coisa que se encontraria em um castelo francês. Tornavam a casa luxuosa. Faziam dinheiro novo parecer herança de família.

Ela verificou as horas — sete, agora —, mas resistiu ao impulso de ligar para ele. O jeito mais rápido de apagar uma chama era sufocá-la. Além disso, se Marcus tinha negócios a tratar, então os negócios eram sempre prioridade.

Marcella se serviu de uma taça de vinho e se recostou na bancada, imaginando as mãos fortes de Marcus estrangulando alguém. Forçando uma cabeça a ficar debaixo da água, quebrando uma mandíbula. Uma vez, o marido chegou com sangue nas mãos e ela transou com ele ali mesmo na ilha de mármore, o cabo de metal da pistola ainda no coldre, o aço duro contra as costelas dela.

As pessoas achavam que Marcella amava o marido apesar do seu trabalho. A verdade era que ela o amava por causa do trabalho.

Entretanto, quando as sete horas se tornaram oito e as oito se aproximaram das nove, a empolgação de Marcella aos poucos se transformou em aborrecimento, e, quando a porta enfim foi aberta, o aborrecimento se intensificou até se transformar em raiva.

— Desculpa, querida.

A voz dele sempre mudava quando bebia, ficava arrastada e devagar. Era a única pista que o marido dava. Ele nunca tropeçava ou cambaleava, as mãos nunca tremiam. Não, Marcus Riggins era sólido feito uma rocha — mas também tinha seus defeitos.

— Tudo bem — respondeu Marcella, odiando a raiva no seu tom de voz.

Ela se virou para a cozinha, mas Marcus a agarrou pelo pulso e a puxou com tanta força que a fez perder o equilíbrio. Seus braços a envolveram, e ela ergueu os olhos para o marido.

É verdade que a cintura de Marcus se alargou um pouco ao passo que a dela se estreitou, aquele belo corpo de nadador ficava um pouco mais inchado a cada ano, mas seus cabelos castanhos e veranis não se tornaram mais ralos e seus olhos ainda eram do mesmo azul vigoroso da ardósia e das águas profundas. Marcus sempre foi bonito, embora ela não soubesse dizer o quanto da beleza advinha dos ternos feitos sob medida ou da maneira como ele se movia pelo mundo, como se esperasse que *o mundo* saísse do caminho, o que geralmente acontecia.

— Você está linda — sussurrou ele, e Marcella sentiu a urgência de Marcus, o desejo encostado nos seus quadris. Mas ela não estava no clima.

Ela estendeu o braço e passou as unhas por sua barba por fazer.
— Você está com fome, querido?
— Sempre — grunhiu ele no pescoço dela.
— Que bom — respondeu Marcella, afastando-se e alisando o vestido. — O jantar está pronto.



Uma gota de vinho tinto escorreu feito suor pela lateral da taça erguida, abrindo caminho até a toalha de mesa branca. Marcella a havia enchido demais, sua mão tinha perdido o controle com o crescente mau humor. Marcus não pareceu notar a mancha. Ele não parecia notar nada.

— À minha bela esposa.

Marcus nunca rezava antes das refeições, mas sempre fazia um brinde, desde a noite em que se conheceram. Não importava se ele tivesse uma plateia de vinte pessoas ou se estivessem jantando a sós. Ela havia achado isso adorável no primeiro jantar, mas, nos últimos tempos, parecia um gesto vazio, ensaiado. Com mais intenção de ser charmoso do que o era de fato. Porém, ele sempre dizia essas palavras, e talvez isso fosse um tipo de amor. Ou talvez Marcus fosse apenas metódico.

Marcella ergueu a taça.

— Ao meu marido elegante — respondeu ela de modo automático.

A borda da taça estava a caminho dos seus lábios quando ela notou a mancha no punho da camisa de Marcus. A princípio, achou que fosse apenas sangue, mas era uma cor muito viva, muito rosa.

Era batom.

Todas as conversas trocadas com as outras esposas vieram à tona.

O olhar dele já começou a perambular por aí?

Você está deixando ele de pau duro?

Todos os homens são lixo.

Marcus cortava o bife enquanto resmungava sobre seguros, mas Marcella não ouvia mais nada. Em sua mente, o marido passava o polegar sobre um par de lábios com batom, entreabrindo-os com o dedo.

Ela segurou a taça de vinho com força. Um calor fazia sua pele enrubescer ao mesmo tempo que ela sentia um frio no estômago.

— Que merda de clichê — disse ela.

Ele não parou de mastigar.

— O que foi que você disse?

— A sua manga.

O olhar de Marcus baixou lentamente para a mancha rosada. Ele nem teve a decência de fingir estar surpreso.

— Deve ser seu — comentou ele, como se alguma vez ela tivesse usado aquela cor ou possuísse algo tão brega e *delicadinho*...

— Quem é ela?

— Fala sério, Marce...

— *Quem é ela?* — exigiu saber Marcella, cerrando os dentes perfeitos.

Por fim, Marcus parou de comer e se recostou na cadeira, os olhos azuis fixos nela.

— Ninguém.

— Ah, quer dizer então que você está trepando com um fantasma?

Ele revirou os olhos, obviamente cansado do assunto, o que era irônico, considerando que Marcus costumava adorar qualquer conversa que fosse sobre *si mesmo*.

— Marcella, o ciúme realmente não cai bem em você.

— Doze anos, Marcus. Doze. E *agora* você não consegue mais manter o pau dentro das calças?

A surpresa atravessou o rosto dele, e a verdade a atingiu como um soco — é claro que essa não havia sido sua primeira traição. Era apenas a primeira vez que ele tinha sido *pego*.

— Quanto tempo? — perguntou ela com frieza.

— Deixa isso para lá, Marce.

Deixar para lá... como se a traição dele fosse como a taça de vinho que ela segurava, algo que tinha nas mãos por acaso e que poderia facilmente deixar de lado.

Não era a traição em si — ela poderia perdoar muita coisa pelo bem da vida que havia construído —, mas sim o olhar das outras mulheres, que Marcella sempre achou que fosse de inveja, os avisos resignados das primeiras esposas, o tremor no canto da boca sorridente, a percepção de que todo mundo *sabia*, sempre soube, só Deus sabe há quanto tempo, e que ela... não sabia.

Deixa pra lá.

Marcella pôs a taça de vinho na mesa. E pegou a faca de carne. E, ao vê-la fazer isso, o marido teve a coragem de desdenhar dela. Como se ela não soubesse o que fazer com aquilo. Como se não tivesse ouvido todas as histórias, não tivesse implorado para saber todos os detalhes. Como se ele não parasse de falar do trabalho

quando estava bêbado. Como se ela não tivesse praticado com um travesseiro. Com um saco de farinha. Com um bife.

Marcus ergueu uma única sobrancelha.

— O que você planeja fazer agora? — perguntou ele, escorrendo condescendência da voz.

Ela deve parecer tão boba para ele, de unhas feitas e segurando o cabo da faca com um monograma aplicado.

— Bonequinha — entou Marcus, e a palavra fez o sangue de Marcella ferver.

Bonequinha. Amorzinho. Querida. Era isso que ele achava dela depois de todo esse tempo? Uma coisa indefesa, frágil, fraca, *decorativa*, uma estátua de vidro feita para brilhar, reluzir e ficar bonita numa prateleira?

Quando percebeu que ela não ia largar a faca, o olhar de Marcus ficou sombrio.

— Não aponta essa faca para mim a menos que pretenda usá-la...

Talvez ela fosse de vidro.

Mas vidro só é frágil até quebrar.

Então se torna afiado.

— *Marcella...*

Ela investiu contra o marido e se sentiu estimulada ao ver os olhos dele se arregalarem um pouco de surpresa, derramando vinho quando se jogou para trás. Mas a faca de Marcella mal havia roçado na gravata de seda antes do punho de Marcus acertar sua boca. O sangue jorrou sobre sua língua, e os olhos de Marcella ficaram embaçados de lágrimas enquanto ela tombava sobre a mesa de carvalho, chacoalhando os pratos de cerâmica.

Ela ainda segurava a faca, porém Marcus apertava seu pulso com tanta força sobre a mesa que os ossos começaram a ranger.

Marcus já havia sido duro com ela antes, mas sempre no calor do momento, sinalizado por um pacto implícito, e Marcella avisava quando o marido passava do limite.

Isso era diferente.

Marcus tinha noventa quilos de força bruta, um homem que ganhava a vida quebrando coisas. E pessoas. Ele estalou a língua, como se ela estivesse sendo ridícula. Fazendo tempestade em copo de água. Como se ela o tivesse obrigado a fazer isso. Tivesse o obrigado a transar com outra mulher. Tivesse o obrigado a destruir tudo o que ela havia se esforçado tanto para construir.

— Ai, Marce, você sempre soube como me tirar do sério.

— *Me solta!* — sibilou ela.

Marcus aproximou seu rosto do dela, passou a mão pelos seus cabelos, segurou sua bochecha.

— Só se você for boazinha.

Ele estava sorrindo. *Sorrindo*. Como se aquilo fosse só mais um joguinho.

Marcella cuspiu sangue na cara dele.

O marido deu um suspiro longo e lamentoso. Então bateu a cabeça dela com força na mesa.

De súbito, o mundo de Marcella ficou branco. Não se lembrava de ter caído, mas, quando sua visão voltou, ela estava sobre o tapete de seda ao lado da cadeira, a cabeça latejando. Ela tentou se levantar, mas o cômodo girava violentamente. Sentiu o gosto de bile, rolou para o lado e vomitou.

— Você devia ter deixado pra lá — disse Marcus.

Escorreu sangue para dentro de um dos seus olhos, manchando a sala de jantar de vermelho, enquanto o marido estendia o braço e segurava o candelabro mais próximo.

— Eu sempre odiei essas coisas — comentou ele, torcendo a haste até o candelabro cair.

A chama tocou nas cortinas de seda antes de o candelabro chegar ao chão.

Marcella se esforçou para se apoiar com as mãos e com os joelhos. Parecia que ela estava debaixo de água. Devagar, muito devagar.

Marcus estava parado na soleira da porta, observando. Apenas observando.

Uma faca de carne brilhou no chão de madeira. Marcella se forçou a se levantar no ar pesado. Ela estava quase de pé quando sentiu o golpe atingi-la por trás. Marcus havia derrubado o segundo candelabro. Ele desceu a toda a velocidade, os braços de ferro a prenderam no chão.

Era desconcertante a rapidez com que o fogo havia se espalhado. Ele saltou da cortina para a poça de vinho, para a toalha de mesa e para o tapete. Já estava por todo lado.

A voz de Marcus soou em meio à névoa.

— A gente teve uma boa vida, Marce.

Aquele canalha desgraçado. Como se *alguma parte daquilo* tivesse sido ideia dele ou algo que ele tivesse feito.

— Você não é nada sem mim — declarou ela, a voz trêmula. — Eu fiz de você quem você é, Marcus. — Ela tentou se levantar, forçando o candelabro, que não se mexeu. — E eu vou desfazer.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Vingança - Vilões - vol. 2"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).